

MARCELO BARBOSA FRACALOSSI

O LUGAR QUE CABE AOS PAIS: A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO DE SEUS MEMBROS

RESUMO

A família deixa uma marca na vida dos indivíduos, sendo um modelo ou um padrão cultural que se apresenta de formas diferenciadas nas variadas sociedades existentes, sofrendo transformações no decorrer do processo histórico-social. Dessa forma, este estudo busca levantar uma discussão ampla sobre as concepções psicanalíticas a respeito da família e sua transformação nas últimas décadas, procurando demonstrar que no âmbito da Psicanálise, a família não é entendida como um módulo da vida social, mas como uma ferramenta na construção da personalidade e fator influenciador no desenvolvimento dos seus membros. Podendo concluir o quão imprescindível é a orientação dos pais para saberem lidar adequadamente com as especificidades das diversas fases da vida dos filhos, seja por meio de programas de orientação, terapia familiar ou individual.

Palavras-chave: Família. Pais. Filhos. Sociedade.

1 INTRODUÇÃO

As concepções sobre o homem e o seu processo de desenvolvimento têm sido compreendidas a partir de variadas perspectivas e sob o olhar filosófico das diversas ciências (naturais e biológicas e das ciências humanas e sociais), o que gera polêmicas sobre a questão, tendo em vista que o indivíduo é reconhecido ora como um ser natural ora como um ser social e histórico (Dantas, 1992).

Enquanto a família, desde os tempos mais antigos, corresponde a um grupo social que exerce marcada influência sobre a vida desses seres humanos, sendo encarada como um grupo com uma organização complexa, inserido em um contexto social mais amplo com o qual mantém constante interação (Biasoli-Alves,2004).

A instituição familiar é apresentada como o primeiro grupo social do qual o indivíduo faz parte (Tallón, Ferro, Gomes & Parra, 1999), sendo vista, portanto, como a célula inicial e primordial da sociedade na maior parte do contexto ocidental (Biasoli-Alves, 2004), ou ainda como a unidade básica da interação social (Osório, 1996) e como o núcleo central da organização humana.

Dessa forma, buscando definir o “evento família”, nos deparamos com diferentes aspectos: podendo ser pensada como unidade doméstica, assegurando as condições materiais necessárias à sobrevivência; como instituição, referência e local de segurança; como formador, divulgador e contestador de um vasto conjunto de valores, imagens e representações; como um conjunto de laços de parentesco; como um grupo de afinidade, com variados graus de convivência e proximidade; dentre muitas outras aplicações (Vilhena, 2004).

Após buscar sua definição, é interessante pensarmos no seu papel fundamental na constituição dos indivíduos, sendo importante na determinação e na organização da personalidade, além da influência significativa no comportamento individual através das ações e medidas educativas tomadas em seu âmbito (Drummond & Drummond Filho, 1998). Partindo desse pressuposto, a família tem como finalidade estabelecer formas e limites das relações estabelecidas entre as gerações mais novas e mais velhas, proporcionando a adaptação dos indivíduos às exigências do conviver em sociedade (Simionato-Tozo, 1998).

Para além disso, a família deixa uma marca na vida dos indivíduos (Osório, 1996), sendo um modelo ou um padrão cultural que se apresenta de formas diferenciadas nas variadas sociedades existentes, sofrendo transformações no decorrer do

processo histórico-social. Dessa forma, a estruturação da família está vinculada com o momento histórico que atravessa a sociedade onde está inserida, uma vez que os diferentes tipos de composições familiares são determinados por um conjunto significativo de variáveis, sendo elas ambientais, sociais, econômicas, culturais, políticas, religiosas e/ou históricas. Assim, para uma abordagem atual de família é preciso considerar que a estrutura familiar e o desempenho dos papéis parentais, modificaram-se consideravelmente nas últimas décadas (Singly, 2000).

Atualmente, é pronunciado constantemente a “morte da família”. Corrobora-se muito sobre a dita crise de valores, e exalta-se o que acreditam ser o tempo em que a família oferecia amparo, segurança e bons padrões de moralidade às crianças. Todavia, vale lembrar, que esta mesma família “estruturada” deu origem às históricas de Freud, às neuroses obsessivas e a todo o mal-estar psíquico que varreu a Europa no final do século passado, dando lugar para o surgimento da psicanálise (Khel, 2001).

Mediante ao contexto exposto, o presente trabalho discute as concepções psicanalíticas a respeito da família e sua transformação nas últimas décadas, procurando demonstrar que no âmbito da Psicanálise, a família não é entendida como um módulo da vida social, mas como uma ferramenta na construção da personalidade e fator influenciador no desenvolvimento dos seus membros.

2 FAMÍLIA E SOCIEDADE

Por muito tempo, pensou-se em casamento como o espaço que serve ao indivíduo de proteção contra a anarquia. Ao falamos de questões anárquicas, vale a pena analisarmos, mais detalhadamente, esta instituição como um instrumento criador de um "nomos", ou seja, a família, favorece um engajamento social que cria para o indivíduo um ambiente de ordem, na qual sua vida passa a ter um sentido, constituindo-o como sujeito (Habermas, 1981).

Todavia, como aponta Pêcego (1999), grande parte da literatura que estudava a família, avaliava muito mais os valores da família burguesa do que o das famílias pobres. Assim, tomam-se como universais tais valores, deixando a margem a contribuição do marxismo para o contexto de família, qual seja, o caráter historicamente determinado da análise da família como instituição social.

Partindo do princípio que família e propriedade privada no Brasil estão intrinsecamente ligados, especialmente a partir do século XIX, supõe-se que a família pobre e sem bens causasse certo “estranhamento” aos que compartilhavam destes valores vistos como naturais. Autores relatam em estudos, que as “classes inferiores”, por não se construírem a partir da propriedade, não possuem uma base sólida e estruturadora da ordem familiar. O que nos remete a uma visão higienista, com valores de “ordem” e “desordem” (Pinheiro, 2001).

Mesmo que, fantasiosamente, a família burguesa tenha se pensado como independente do controle externo, a verdade é que sua constituição foi historicamente determinada e fez-se acreditar ser baseada a partir de três pilares distintos, como descrito por Vilhena (2004):

- **O caráter voluntário:** em que as pessoas se unem por vontade própria, revelação plena do individualismo na medida em que as pessoas perdem sua inscrição social e passam a contar individualmente;
- **O amor natural:** partindo da noção de que a peça chave da união matrimonial é a natureza humana e seus aspectos subjetivos estruturados pelos laços fraternos da maternidade e paternidade sem nenhum interesse econômico;
- **A educação:** em que a finalidade da família é basicamente interna e não externa.

Dessa forma, essas três coordenadas se articularam para endossar a ideia de uma humanidade inerente à natureza humana, que se emancipa de finalidades exteriores a ela, tendo suas próprias leis de organização cuja a base principal era o amor (representado pelos laços de parentesco) e a sexualidade (Pinheiro, 2001). Neste contexto, permitiu-se que a esfera privada ganhasse espaço e fosse tomada como

paradigma a partir do qual a sociedade pudesse ser avaliada, abrindo-se a exploração e ao desvelamento.

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A FAMÍLIA DO SÉCULO XX

Do início do século XX até meados dos anos 60, predominava-se um conceito denominado "família tradicional", em que mulheres e homens desempenhavam papéis específicos, social e culturalmente estabelecidos (Pratta & Santos, 2007). Ou seja, existia uma imposição social e cultural que determinava como "natural" os papéis atribuídos aos homens e às mulheres (Torres, 2000).

De acordo com esse modelo, o homem detém a chefia da casa, sendo o provedor da família e o responsável pelo trabalho remunerado, possuindo autoridade e poder sobre as mulheres e os filhos, e o seu espaço de atuação relaciona-se ao mundo externo. Em contrapartida a mulher é responsável pelo trabalho doméstico, envolvida diretamente com a vida familiar, com o cuidado dos filhos e do marido, sendo as atividades realizadas no âmbito da vida privada do seu lar (Amazonas, Damasceno, Terto & Silva, 2003).

Neste período, Cano (1997) descreve como os pais detinham o controle sobre os filhos, mostrando-se extremamente exigentes, principalmente em relação as normas e regras sociais impostas pela época. Vale ressaltar ainda, que as atitudes educativas dos pais, naquele momento, baseavam-se em princípios vinculados à moralidade religiosa, ideário patriótico e higienismo médico.

A partir da segunda metade do século XX a instituição familiar ganha novas conformações, um processo de intensas transformações econômicas, sociais e trabalhistas (Singly, 2000), que perduram até os tempos atuais. O que dá início a uma nova concepção de família, denominada "família igualitária" (Figueira, 1987). Nesse contexto, homens e mulheres estão atuando em condições semelhantes no mercado de trabalho formalmente remunerado, e conseqüentemente dividem entre si o trabalho doméstico e a educação dos filhos. Porém, a maior parte destas tarefas se mantem a cargo da mulher, que vem confrontando os desafios do mercado de trabalho procurando conciliar a vida profissional e familiar (Scavone, 2001).

Em meio a tantas transformações, a tendência atual da tal definida família moderna é ser cada vez mais simétrica na distribuição dos papéis e obrigações, mostrando-se flexível para poder enfrentar e se adaptar às rápidas mudanças sociais intrínsecas ao momento histórico em que está inserida (Pratta & Santos, 2007).

Quanto às relações entre pais e filhos, houve mudanças importantes nesse padrão, que hoje não se mostra mais baseado na imposição da autoridade e sim na valorização de um relacionamento fraternal aberto, pautado na possibilidade de diálogo, um elemento importante dentro do contexto familiar, principalmente para boa convivência entre os membros da família. Dessa forma, vê-se que a educação das crianças perdeu os seus aspectos autoritários (Wagner, Ribeiro, Arteché & Bornholdt, 1999).

Neste contexto, especialistas apontam que esta abrupta mudança nas relações e nos valores familiares levaram à inexistência de referenciais pessoais claros para a orientação da conduta dos indivíduos (Figueira, 1987). Conseqüentemente, certos comportamentos que a alguns anos atrás eram considerados como culturalmente aceitáveis e esperados dos pais (Ex.: utilização da força física na educação da criança), atualmente são criticados e coibidos, tendo respaldo pelos direitos constitucionais (Cecconello, De Antoni & Koller, 2003).

Observa-se a partir deste momento, um conflito constante entre os valores assimilados pelos indivíduos nas etapas iniciais da vida (no caso, valores incutidos pelos pais) com aqueles que eles adquiriram no decorrer do seu processo de transição adolescente e na sua juventude (Nicolaci-da-Costa, 1985). Logo, o adulto agora pai ou mãe, vê esses valores entrarem em choque, com o processo educativo dos filhos, quando percebem-se destituídos de um referencial para seguir. O que gera contrariedade na educação dos filhos, e conseqüentemente práticas educacionais inconsistentes.

Dentre as transformações ocorridas no contexto familiar, faz-se necessário pontuar mudanças observadas na realidade brasileira, no fim do século XX. Hoje é possível observar que entre os brasileiros há um aumento do número de uniões consensuais, de famílias chefiadas por mulheres (ou monoparentais) e de famílias originadas a partir de novas uniões de um ou dos dois cônjuges que se separaram (Torres,

2000). Todavia, a família ainda mantém seu papel específico no contexto social e mantém-se reconhecida e altamente valorizada, uma vez que prossegue exercendo funções capitais durante todo o processo de desenvolvimento de seus membros.

4 OS TÃO QUERIDOS FILHOS

Um casal que se propõe constituir família, ama suas crianças como imagens de sua própria felicidade e esperam que realizem o seu projeto de vida. Esse amor narcísico vivenciado pelos pais, tendo a criança como sua própria imagem, impõe condições de miséria real a criança que não corresponda as suas expectativas, pois estas não são amadas por serem descendência, e sim por serem a imagem da felicidade. Logo, um defeito físico ou a miséria real comprometem o investimento parental (Calligaris, 1996).

Os ditos pais, desejam ser amigos, pares, iguais; e talvez por isso não consigam estabelecer nenhum tipo de regra ou autoridade. Essa autoridade é vista como autoritarismo, e até mesmo uma ameaça a felicidade e o amor dessa instituição. A tempos, e em curso das transformações vividas até aqui, é fácil perceber que cada vez mais, cabe a estes pais apenas a tarefa amorosa, sendo delegada a outras instâncias públicas a tarefa educativa (Lasch, 1977).

É perceptível a cada geração, que vivemos a não imposição de limites. Tudo isso é pelo “medo” da desaprovação que envolve o comportamento do adulto, que leva a uma espécie de abandono da função paterna, da sua responsabilidade e autoridade. Não há aqui um abandono concreto, e sim um adulto refém da aprovação infantil, que assim renuncia do seu lugar na cadeia geracional (Vilhena, 2004). Esse abandono das crianças mimadas e da família (o que excluí as crianças de rua) é na verdade um abandono moral (Khel, 2001).

5 PAIS E FILHOS... E HUMANOS

Osório (1996) mostra em seus estudos, que os pais possuem um papel essencial no amadurecimento e desenvolvimento biopsicossocial dos indivíduos, tendo como funções primordiais: funções biológicas (sobrevivência), psicológicas e sociais.

A mais simples e básica delas é a função biológica, que nada mais é que a garantia da sobrevivência da espécie, através dos cuidados necessários para que o bebê humano possa adequadamente se desenvolver.

No interior de sua família é que o indivíduo inicia seus primeiros relacionamentos interpessoais, estabelecendo trocas emocionais, funcionando como um suporte afetivo importante quando estes se tornarem adultos. Esse intercâmbio de emoções, estabelecidas ao longo da vida são fundamentais para o desenvolvimento dos indivíduos e para a aquisição de condições físicas e mentais centrais para cada etapa do desenvolvimento psicológico (Pratta & Santos, 2007).

Quanto à função social dos pais, a chave é a transmissão da cultura de uma dada sociedade aos indivíduos, assim como a construção deles para o exercício da cidadania (Osório, 1996). Dessa forma, as normas e os valores da nossa família permanecem conosco durante toda a vida, nos estruturando para a tomada de decisões e atitudes que apresentamos enquanto adultos. O que não quer dizer que a família não continua, mesmo na vida adulta, a dar sentido às relações entre os indivíduos, porém agora, articula-se como um espaço onde as experiências vividas são elaboradas (Sarti, 2004).

Assim a relação entre pais e filhos é o elo mais forte dentro do contexto familiar, expressando "à reprodução da família em sentido mais amplo, englobando a reprodução biológica e, sobretudo, a reprodução social" (Romanelli, 1995). Para além desse olhar, é notório que a interação estabelecida entre pais e filhos, bem como as expectativas e sentimentos colocado sobre os filhos, exercem papel importante na personalidade futura e no êxito escolar dos mesmos (Tallón, Ferro, Gomes & Parra, 1999).

Desse modo, é claramente visível que as experiências vividas pelo jovem, no contexto familiar e nos outros ambientes nos quais está inserido, contribuem para a sua formação enquanto adulto. Todavia, é nos braços da familiar onde vai passar por uma série de experiências únicas (afeto, dor, medo, raiva e inúmeras outras emoções), que proporcionarão um aprendizado essencial para a sua atuação futura (Pratta & Santos, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A família e a função dos pais nesta instituição têm sido tema central de inúmeros estudos. Estes por sua vez, vêm demonstrando que a família apesar de todas as suas mudanças e diferentes conformações, continua a exercer um papel importante no desenvolvimento de seus membros, principalmente nas idades mais precoces. As obras aqui revisadas concordam em sua essência, no sentido de que, o que ocorre no seio dessa instituição é a base de diversos problemas psicológicos contemporâneos.

As novas composições familiares, à forma como os pais foram educados e os novos padrões de relacionamento interpessoal da atualidade, têm se mostrado os fatores cruciais na dificuldade para educar os filhos. Dessa forma, é clara a preocupação com o desenvolvimento de crianças e adolescentes, a forma de educá-los e orientá-los, e as maneiras de conduzi-los com segurança a uma fase adulta saudável, tendo em vista que nunca estiveram tão presentes nos debates, congressos e meios de comunicação, como atualmente.

Apesar de inúmeros estudos dos aspectos que envolvem o desenvolvimento pessoal através do contexto familiar, ainda há necessidade de novas pesquisas, que busquem compreender e esclarecer melhor o papel das relações intrafamiliares na construção do ser humano, nas suas mais diversas funções (social, biológica, política etc.).

Pode-se dizer, mediante a tudo que foi exposto até aqui, que mesmo em meio a tantas transformações vividas pela instituição familiar por todo século XX e agora no XXI, nós continuamos confiando nessa instituição como base de sua segurança e bem-estar, o que demonstra a valorização do papel da família na vida de um indivíduo.

Logo, percebe-se que a família mantém seu papel primordial no contexto social em que se insere. Em uma visão microssocial, é essencial para o processo de desenvolvimento de seus membros, mesmo que a intensidade com que as suas funções são exercidas, tenham mudado atualmente.

Por essa visão, podemos concluir que é imprescindível a orientação dos pais para saberem lidar adequadamente com as especificidades das diversas fases da vida dos filhos, seja por meio de programas de orientação, terapia familiar ou individual. Desse modo, há um auxílio de forma a reduzir as angústias destes pais frente as adversidades na relação com os filhos e estes, por sua vez, poderem enxergar os pais como uma base emocional que podem recorrer perante as dificuldades que a fase vivida lhes impõe.

REFERÊNCIAS

Amazonas, M. C. L., Damasceno, P. R., Terto, L. M. & Silva, R. R. (2003). Arranjos familiares de crianças de camadas populares. *Psicologia em Estudo*, 8(nº.esp.), 201-208.

Biasoli-Alves, Z. M. M. (2004). Pesquisando e intervindo com famílias de camadas diversificadas. Em C. R. Althoff, I. Elsen & R. G. Nitschke (Orgs.), *Pesquisando a família: olhares contemporâneos* (pp. 91-106). Florianópolis: Papa-livro.

Calligaris, C. (1996) *Crônicas do Individualismo Cotidiano*, SP, Ed. Ática

Cano, M. A. (1997). A percepção dos pais sobre sua relação com os filhos adolescentes: reflexos da ausência de perspectivas e as solicitações de ajuda. Tese de Livre Docência Não-Publicada, Programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto.

Cecconello, A. M., De Antoni, C. & Koller, S. H. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em Estudo*, 8(nº esp.), 45-54.

Dantas, H. "Do ato motor ao ato mental: a gênese da inteligência segundo Wallon". In: La Taille, Y. (org.) (1992). Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo, Summus.

Drummond, M. & Drummond Filho, H. (1998). Drogas: a busca de respostas. São Paulo: Loyola.

Figueira, S. (1987). O "moderno" e o "arcaico" na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível do social. Em S. Figueira (Org.), *Uma nova família* (pp. 11-30). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Habermas, J.(1981). A família burguesa e a institucionalização de uma esfera primária referida à esfera pública. In: Cenevacci, M. (org) *Dialética da família*, .P:Brasiliense.

Khel, M.R. (2001) Lugares do feminino e do masculino na família. In: Comparato,M.C.M e Monteiro,D.S.F. (org) *A criança na contemporaneidade e a psicanálise*. São Paulo. Ed. Casa do Psicólogo. Pp 29-38

Lasch, C. (1977) *Haven in a Heartless World-The Family Besieged*, NY Basic Books,Inc

Nicolaci-da-Costa, A. M. (1985). Mal-estar na família: descontinuidade e conflito entre sistemas simbólicos. Em S. Figueira (Org.), *Cultura da psicanálise* (pp. 147-168). São Paulo: Brasiliense.

Osório, L. C. (1996). *Família hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Pêcego, I. (1999) Onde o perto é também longe: família e identidade em uma comunidade popular da zona sul carioca. Dissertação de Mestrado. Dept. de Psicologia, PUC-Rio.

Pinheiro, N.B. (2001) Uma casa com paredes de cristal. Sobre o atendimento psicanalítico em hospitais gerais. Projeto de doutorado. Mimeo.

Pratta, Elisângela Maria Machado; Santos, Manoel Antonio dos. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em Estudo*, [s.l.], v. 12, n. 2, p. 247-256, ago. 2007. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-73722007000200005>.

Romanelli, G. (1995). Papéis familiares e paternidade em famílias de camadas médias. Trabalho apresentado na XIX Reunião Anual da ANPOCS. [mimeo]

Sarti, C. A. (2004). A família como ordem simbólica. *Psicologia USP*, 15(3), 11-28.

Scavone, L. (2001). Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, 5(8), 47-59.

Siminonato-Tozo, S. M. P. & Biasoli-Alves, Z. M. M. (1998). O cotidiano e as relações familiares em duas gerações. *Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação*, 8(14/15), 137-150.

Singly, F. de (2000). O nascimento do "indivíduo individualizado" e seus efeitos na vida conjugal e familiar. Em C. Peixoto, F. de Singly & V. Cicchelli (Orgs.), Família e individualização (pp.13-19). Rio de Janeiro: FGV.

Tallón, M. A., Ferro, M. J., Gómez, R. & Parra, P. (1999). Evaluacion del clima familiar en una muestra de adolescentes. Revista de Psicologia Geral y Aplicada, 451-462.

Torres, A. (2000). A individualização no feminino, o casamento e o amor. Em C. Peixoto, F. Singly & V. Cicchelli. (Orgs.), Família e individualização (pp.135-156). Rio de Janeiro: FGV.

Vilhena, Junia de. Repensando a Família. Revista de Psicologia, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-14, 18 jun. 2004. Mensal. Disponível em: https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0229. Acesso em: 22 abr. 2020.

Wagner, A., Ribeiro, L., Arteche, A. & Bornholdi, E. (1999). Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. Psicologia: Reflexão e Crítica, 12(1), 147-156.